

O TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA: MOMENTO DE NEGAÇÃO DA FORMAÇÃO HUMANA

Adriana e Silva Sousa*

A compreensão de como se consolidam as relações do homem com o trabalho que realiza não pode ser desvinculada da forma como se organiza o modo de produção de determinada sociedade. É por meio do modo de produção que se estabelecem e se transformam as relações sociais de produção, dependendo do seu grau de desenvolvimento e da sua constituição histórica. Considerando que estamos inseridos numa sociedade onde as relações de produção se destinam à criação do capital privado, as relações de trabalho assumem dimensão diversa da sua essência. O trabalho não representa mais uma atividade na qual o homem se educa e se forma material e espiritualmente, mas um meio em que se estranha da sua natureza, daquilo que produz, da sua atividade e de si mesmo.

Tendo como referência a determinação da condição do trabalho no capitalismo, preocupamo-nos em investigar como se originam e se estabelecem as relações de trabalho. A partir desse elemento, traçamos como objetivo neste seguimento do livro compreender como o trabalho na sociedade capitalista passa a representar um momento de negação do homem.

Para realizar esta tarefa, nos debruçamos no estudo de textos da obra de Karl Marx produzida em três diferentes momentos. Inicialmente, elaboramos reflexões a partir dos *Manuscritos Econômico-filosóficos de 1844*, que nos oferecem elementos que contribuem para o entendimento de como ocorrem o estranhamento do homem com sua atividade produtiva. Num segundo momento, nos fundamentamos em *Trabalho Assalariado e Capital*, obra

* Mestranda em Educação Brasileira/UFC. Pesquisadora do Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional – LABOR/UFC; Bolsista da FUNCAP.

publicada em forma de artigos na *Gazeta Renana* em 1849, que serviu de base às conferências realizadas por Marx para os proletários na Associação Operária Alemã de Bruxelas, em 1849. Tal obra é importante para a compreensão do trabalho assalariado em suas várias determinações. Esse texto conta ainda com algumas alterações feitas por Engels, no sentido de evitar imprecisões de conceitos e idéias. Por fim, compomos a terceira parte, valendo-nos de estudos de parte da obra *O Capital*, publicado em 1867, que representa o ponto máximo da obra do autor. Com esse caminho, esperamos elaborar reflexões sobre a compreensão da categoria trabalho e sua representação no nosso atual contexto de organização social de produção, no sentido de nos aproximar da compreensão do processo de desumanização do homem por meio do seu trabalho.

A Sociedade Capitalista e seu Trabalho Estranhado

A sociedade capitalista é regida por imensa acumulação de riquezas. Seu modo de produção aparece como uma coleção de mercadorias. Sua constituição econômica se compõe da classe trabalhadora que produz a riqueza, da qual só recebe o suficiente para se manter como classe trabalhadora e dos capitalistas que se apossam dos valores produzidos que lhes permite comprar a força de trabalho dos trabalhadores. Se por um lado se produz imensa riqueza, de outra parte, a grande massa da sociedade é incapaz de se apropriar dos excedentes da produção.

Nessa forma de organização social, o trabalho, atividade de auto-determinação do homem mediante a qual satisfaz necessidades e cria condições para a liberdade, transforma-se em único meio pelo qual garantirá sua existência. É nesse sentido que Karl Marx destaca o caráter desumanizante do trabalho no capitalismo. O trabalho como uma atividade forçada, será um sacrifício que o homem realizará em troca apenas da manutenção da sua vida. Sua liberdade será suprimida e somente será gozada nas suas funções de animal, como comer, beber e procriar. Embora

tais funções sejam igualmente humanas, se estas forem transformadas em objetivo único, torna-se componente puramente animal, pois o indivíduo volta-se, exclusivamente, para a garantia de satisfação da sua natureza inorgânica. Assim, aquilo que é humano (o trabalho) transforma-se em desumano. O trabalho representará para o homem a perda de si mesmo, não mais atividade vital na qual manifesta sua vida genérica. Trata-se da expropriação de sua própria vida. (MARX, 1993).

Nos *Manuscritos de 1844*, Marx afirma que o trabalho na sociedade capitalista é estranhado, alheio ao homem. A partir daí, situa-nos quatro momentos do estranhamento do homem em relação ao trabalho que realiza. Primeiramente, nos fala do seu estranhamento com o produto do seu trabalho. Esse se configura como um objeto que pertence a outro, embora sua vida esteja colocada nele. A objetivação do trabalho torna-se exterior ao homem, uma vez que o que produz não será para si, mas para outro; não satisfará suas necessidades, mas as de outro.

Na sua relação com o mundo externo sensível, o homem se relaciona com a natureza para produzir os objetos. Nessa objetivação estranhada, contudo, a apropriação da natureza origina desapropriação. Quanto mais o operário produz, menos tem para si. O que ele produz para si não é o produto no qual concentra sua força, mas o salário, uma certa quantidade de meios de subsistência. Sua atividade produtiva representa unicamente um meio de ganhar dinheiro que lhe permitirá viver, ainda que seja como operário. A perda do objeto produzido será, para o homem, a perda de si mesmo.

Do mesmo modo como o objeto que o homem produz se torna estranho a ele, a atividade produtiva também é alheia. O trabalho, da forma como se expressa na sociedade capitalista, não pertence à natureza do homem; não representa a satisfação das suas necessidades, mas das de um outro, estranho a ele. O trabalho é a sua desumanização, esgota-o e arruína seu espírito; ele é o momento, portanto, de negação da formação física e espiritual do homem, como

uma atividade realizada por ele, mas contra sua existência. Nesse sentido, Marx acentua o estranhamento do homem em relação ao processo de produção.

O seu caráter estranho ressalta claramente do fato de se fugir do trabalho como da peste, logo que não existe nenhuma compulsão física ou de qualquer outro tipo. O trabalho externo, o trabalho em que o homem se aliena, é um trabalho de sacrifício de si mesmo, de mortificação. Finalmente, a exterioridade do trabalho para o trabalhador transparece no fato de que ele não é o seu trabalho, mas o de outro, no fato de que não lhe pertence, de que no trabalho ele não pertence a si mesmo, mas a outro. (MARX, 1993, p. 162).

A terceira determinação do estranhamento do homem em relação ao trabalho se concretiza na relação alheia que ele estabelece com o seu gênero. Nesse momento, a vida genérica do homem se transforma em meio de vida individual. Diferentemente de afirmar-se como ser genérico na transformação da natureza inorgânica, a vida genérica reduz-se a sua individualidade. O indivíduo direciona todas as suas potencialidades para sua singularidade imediata.

Quando o homem tem o objeto que produz tirado de si e apropriado por outro tem também sua vida genérica subtraída. A objetivação da natureza não aparece mais como seu produto, como realização de sua vida genérica. Assim,

(...) na medida em que o trabalho alienado subtrai ao homem o objeto da sua produção, furta-lhe igualmente a sua vida genérica, a sua objetividade real como ser genérico e transforma em desvantagem a sua vantagem sobre o animal, porquanto lhe é arrebatada a natureza, seu corpo inorgânico. (MARX, 1993, p. 165-166).

Como quarta determinação, encontramos o homem que estranha o próprio homem, na medida em que o objeto produzido por ele pertencerá a outro ser estranho a ele. Não será uma divindade ou outra força mística que se apropriará do objeto do seu trabalho, mas é o próprio homem. O que é produzido será gozo para um e desprazer para

outro. Tal fato acontece porque o homem (capitalista) não se reconhece no próprio homem (operário). Os dois estabelecem uma relação de negação recíproca em que o homem se aliena do seu gênero e se limita a sua individualidade. As relações entre os homens serão estabelecidas segundo o padrão em que cada um se encontra.

Se ele se relaciona com o produto do trabalho, com seu trabalho objetivado, como um objeto estranho, hostil, poderoso, independente, relaciona-se com ele de tal modo que outro homem estranho, inimigo, mais poderoso e independente, é o senhor deste objeto. Se ele se relaciona à própria atividade como uma atividade não livre, então relaciona-se-lhe como à atividade ao serviço, sob o domínio, a coerção e o julgo de outro homem. (MARX, 1993, p. 167-168).

Na realização do trabalho estranhado, a miséria do trabalhador é produto do seu próprio trabalho. Suas necessidades se limitarão àquelas exclusivamente corporais, pois, para desenvolver seu espírito, é necessário tempo livre, ou seja, estar fora da busca de suprir a sua materialidade. Nesse ponto, a sociedade do capital limita o trabalhador, uma vez que, quanto mais lança mão do seu tempo livre para ganhar mais, sua liberdade se encontra a serviço da mesquinhez.

É na relação estranhada entre o trabalhador e o não-trabalhador que resultarão apropriação de um e a não-apropriação de outro. Esse processo de apropriação do trabalho do outro tem como determinação última a propriedade privada, por meio da qual são os meios de produção apropriados de uma grande parcela dos indivíduos, obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver. Essa será posta a serviço da produção capitalista e criará objetos dos quais não se apossará.

Como vemos, sociedade capitalista, que tem como fundamento a propriedade privada, se baseia no modo de produção cuja base está na acumulação de riquezas. Dessa forma, está em constante busca de maior lucratividade do

capital na produção de mercadorias. Para tal, a força de trabalho será explorada de forma a produzir maior lucro.

Nesse contexto, a emancipação dos trabalhadores, que toma forma de emancipação do homem, terá que suprimir essa propriedade privada, meio e resultado da exploração do trabalho. A emancipação humana como totalidade dependerá de tal ação,

(...) uma vez que toda a servidão humana se encontra envolvida na relação do trabalhador à produção e todos os tipos de servidão se manifestam exclusivamente como modificações ou conseqüências da sobredita relação.¹
(MARX, 1993, p. 170).

As Relações do Trabalho na Sociedade do Capital

Uma das primeiras determinações a se considerar, no que tange às relações do trabalho na sociedade do capital, é o domínio da burguesia, cuja existência se funda nas relações econômicas de produção. O trabalho nessa forma de produção burguesa é uma mercadoria capaz de criar mercadorias e, conseqüentemente, valor para o capital. Para ter tal mercadoria, o capital deve contar com uma classe desposuidora de qualquer meio de produção, possuindo apenas a capacidade de trabalho, que será obrigada a vender como mercadoria, de forma a não abrir mão da sua vida.

Em troca da sua força de trabalho, o trabalhador receberá determinada quantidade de meios de subsistência, suficiente para que sua classe não seja extinta, o salário. Este representará um valor em dinheiro que o capitalista pagará em troca de determinado tempo da força de trabalho. Não se trata de parte das mercadorias que ele irá produzir, pois o operário não tem participação nelas. O que o operário recebe é certa quantidade de dinheiro que o capitalista já tem em reserva. Essa troca da mercadoria força

¹ Retomamos nesse ponto o Manifesto do Partido Comunista, para indicar que somente a classe operaria poderá fazer a revolução, pois ela não tem nada a perder, a não ser suas algemas, mas tem o mundo a ganhar.

de trabalho pela mercadoria salário representa uma relação mercantil própria da sociedade do capital.

Em meio a essa mercantilização da força trabalho, Marx nos chama a atenção para a inversão da finalidade da atividade produtiva do homem. O trabalho como atividade vital, formadora e própria do homem e maneira pela qual manifesta sua vida, é apreendido pelo modelo burguês de produção e posto a serviço da sua manutenção e reprodução. Transforma-se em meio para existir. É trabalhar para viver. Sua atividade é meio pelo qual ganha dinheiro que lhe permitirá se sentar à mesa, no boteco e deitar-se a cama (MARX, 1981). Como podemos ver, o produto da atividade do operário não é o objeto da sua atividade produtiva, mas o salário.

A seda, o ouro, o palácio, reduzem-se para ele a uma certa quantidade de meios de subsistência, talvez uma camisola de algodão, a uns cobres, a um barraco na favela. (MARX, 1981, p. 18).

A relação salarial tem sua caracterização igual a todas as outras relações mercantis. O preço do salário seguirá as mesmas determinações do preço de outras mercadorias. Será determinado pelo custo da sua produção, ou seja, o custo de manter o operário como operário capaz de realizar as atividades para as quais foi contratado. Esse custo, também, depende da formação profissional do operário. Assim, quanto maior o tempo de formação, mais caro ele custará ao capital. No trabalho que exige uma formação mínima, o custo de produção se limitará apenas ao indispensável para o trabalhador conservar sua capacidade de trabalho.

Considera-se, ainda, para o cálculo do custo da força de trabalho, o desgaste da classe operária, levando-se em conta aqui o custo da sua procriação, para que seja sempre possível substituir velhos trabalhadores por novos trabalhadores capazes de dar continuidade ao processo de produção. O que o trabalhador receberá será o salário mínimo, o minimamente necessário para viver e procriar como operário. "Se o bicho da seda fizesse o fio de seda para

manter sua existência de lagarta, seria então um autêntico operário assalariado." (MARX, 1981, p. 18).

Mesmo que se tenha um aumento do salário do operário, é preciso que se considerem as outras relações presentes nesse processo de pagamento da força de trabalho. O salário real, que representa a quantidade de meios de subsistência que o operário pode comprar, e o salário nominal, correspondente ao preço pago em dinheiro, não se equivalem. Nem sempre aumento nominal representa aumento real. Muitas vezes, se considera um aumento em relação ao montante de dinheiro recebido como algo positivo ao operário, mas substancialmente em nada representa, pois o poder de consumo dos meios de subsistência não se altera. Isso ocorre a uma variação do valor dos meios de subsistência. Dessa forma, não podemos desprezar o caráter relativo e proporcional do salário.

Embora consideremos que em determinada época o salário real aumente, em razão de um desenvolvimento crescente do capital, e o operário passe a ter mais prazeres com tal fato, a satisfação social do operário pode diminuir, uma vez que o capitalista também possuirá extraordinariamente mais prazeres. Devemos considerar que

(...) as nossas necessidades e nossos prazeres têm sua origem na sociedade, por conseguinte, medimo-los por ela e não pelos objetos com que os satisfazemos. Como são de natureza social são sempre relativos. (MARX, 1981, p. 33).

Enquanto o operário recebe os meios de subsistência em troca da sua força de trabalho, o capitalista recebe dele a sua atividade produtiva. Restitui, dessa forma, aquilo que teve que pagar e ainda acumula um valor maior. Assim, para o capital, determinado valor poderá ser consumido de maneira *reprodutiva*, uma vez que, mediante a compra da força de trabalho, pode criar mais valor. Contraditoriamente, esse mesmo valor será usado de forma *improdutiva* pelo operário, pois os meios de subsistência os quais recebe desaparecerão e só os terá de novo se realizar uma nova troca. Dessa forma, o operário está eternamente preso à ne-

cessidade de vender sua propriedade (força de trabalho), não lhe restando opção nesse modo de produção burguesa. Caso contrário, terá que renunciar a sua existência.

Na relação social de produção capitalista, portanto, a relação burguesa de produção, a dominação de uma classe que trabalha por outra que não trabalha só é possível porque esta última controla o trabalho acumulado e, dessa forma, subordina o trabalho imediato vivo. Nas palavras de Marx: "É o domínio da acumulação do trabalho passado, materializado, sobre o trabalho imediato, vivo que se transforma trabalho acumulado em capital." (1981, p. 29).

O Trabalho Unilateral e seu Caráter Desumanizante

Se a sociedade capitalista se funda na acumulação de riquezas, é natural a ela procurar constantes meios para essa acumulação de capital. A manufatura será a primeira resposta do capitalismo na busca de maior lucratividade. Ela divide a produção e isola suas diferentes fases para se tornar mais produtiva, pois com ela se é capaz de ter um maior número de mercadorias acabadas ao mesmo tempo. Na divisão do trabalho na fábrica, o trabalho de um é o ponto de partida do trabalho do outro. Assim,

(...) em vez de um mesmo artífice executar as diferentes operações dentro de uma seqüência, são elas destacadas umas das outras, isoladas, justapostas no espaço, cada uma delas confiada a um artífice diferente e todas executadas ao mesmo tempo pelos trabalhadores cooperantes. (MARX, 2006, p. 392).

É a partir da manufatura que a totalidade do trabalho não se encontrará mais no indivíduo, mas sim no trabalhador coletivo, como forma de enriquecimento do capital. Esse último será a síntese dos vários trabalhadores parciais na execução da produção e nenhum deles terá a compreensão de todo o processo produtivo. Por tal razão, Marx (2006) observa que a manufatura produzirá a virtuosidade do trabalhador mutilado.

A divisão do trabalho na fábrica para o capital representa essa alternativa de maior produtividade, uma vez que elimina a porosidade do tempo e traz maior destreza e mais agilidade para o operário. A intenção do produtor capitalista é não deixar lacuna entre uma operação e outra; não perder tempo com a mudança de tarefa. Assim, quanto mais adestrado o trabalhador, mais rápido ele executa as tarefas. É a divisão do trabalho na fábrica que trará esse adestramento do trabalhador parcelar.

Em oposição ao elevado desenvolvimento do capital, a divisão do trabalho na fábrica resulta para o trabalhador em embrutecimento e limitação de suas capacidades na realização de única função do processo produtivo. O homem terá aqui sua totalidade suprimida, pois as operações vão sendo cada vez mais subdivididas e isoladas. Será agora um trabalhador parcial, mutilado, a serviço de maior eficiência do processo produtivo. Assim, a manufatura representa um mecanismo de produção cujos órgãos são os seres humanos.

O trabalhador perde na manufatura toda sua capacidade. Não é mais capaz de realizar o todo de uma produção. Agora, trabalha para o capitalista e só sabe produzir na dependência dele, uma vez que ele perde gradativamente a capacidade de realizar a produção de um determinado objeto em toda a sua extensão. Como consequência, a manufatura deforma o homem. Suas capacidades intelectuais e espirituais são suprimidas em nome de uma maior destreza.

Em todo ofício que se apossa, a manufatura cria uma classe de trabalhadores sem qualquer destreza especial, os quais o artesanato punha totalmente de lado. Depois de desenvolver, até atingir a virtuosidade, uma única especialidade limitada, sacrificando a capacidade total de trabalho do ser humano, põe-se a manufatura a transformar numa especialidade a ausência de qualquer formação. (MARX, 2006, p. 405).

Consideremos, ainda, que,

(...) a divisão do trabalho torna-o cada vez mais unilateral e dependente, e insere não só a concorrência de outros homens, mas também das máquinas. Uma vez que o trabalhador foi diminuído a máquina, a máquina pode com ele concorrer. (MARX, 1993, p. 69).

Nesse sentido, Marx (2006) vai assegurar que o trabalhador perde duplamente. Primeiro, na sua impossibilidade de formar-se em totalidade, omnilateralmente. Segundo, nas suas condições materiais de existência, porquanto, se formando apenas para a realização de atividades simples e repetitivas, sua força de trabalho torna-se cada vez mais barata. Assim, “[...] empurrado pela miséria, o operário aumenta mais os efeitos funestos da divisão do trabalho.” (MARX, 1981, p. 42).

Para Marx, o parcelamento do trabalho nas fábricas surge efetivamente na separação entre pensamento e ação. O mando e a gerência se separam, fazendo parecer que a execução da atividade produtiva estranha a sua gestão. A partir desse momento, o manual e o intelectual passam a ser realizados por diferentes indivíduos. Assim como o gozo e o trabalho, produção e consumo poderão pertencer a diferentes indivíduos.

Se há dedicação exclusiva em determinados setores da atividade humana, o homem terá sua formação unilateral. Se em busca de maior lucratividade do capital, o trabalhador é obrigado a realizar uma única tarefa para tornar-se mais eficiente, este será apenas um apêndice da oficina capitalista. O trabalho será somente a repetição de atividades simples, mas será capaz de ocupar todo o seu espírito.

A estreiteza e as deficiências do trabalhador parcial tornam-se perfeições quando ele é parte integrante do trabalhador coletivo. O hábito de exercer uma função única limitada transforma-o naturalmente em órgão infalível dessa função, compelindo-o à conexão com o mecanismo global a operar com a regularidade de uma peça de máquina. (MARX, 2006, p. 404).

Os meios de produção constantemente são transformados, assim como a divisão do trabalho e a utilização das máquinas crescem cada vez mais. Não há um momento de descanso. A corrida dos capitalistas para ganhar a concorrência, fazendo com que aumentem continuamente a divisão do trabalho e o uso da maquinaria, obriga o operário a realizar o trabalho que antes precisava de três ou quatro para fazê-lo. Conseqüentemente, aumenta a concorrência entre os operários e dessa forma trabalham cada vez mais e ganham cada vez menos.

O trabalho também é simplificado com o aumento da divisão do trabalho. O trabalhador perde as habilidades de realização de seu trabalho na totalidade. Não há necessidade de qualquer esforço físico ou intelectual. A realização do trabalho é passível a todos. Dessa forma, diminuem os custos da produção e o salário do trabalhador é reduzido.

A manufatura substitui os operários experientes por aqueles inexperientes. São mulheres e crianças que trabalham no lugar dos homens e pagos a preço mais baixos, aumentando assim o lucro do capitalista. "Aos senhores capitalistas não lhes faltarão carne e sangue fresco para explorar, e deixarão que, os mortos enterrem seus mortos." (MARX, 1981, p. 43).

A Título de Conclusão

Em toda a composição deste texto, constatamos a negação do homem pelo trabalho na forma de organização produtiva burguesa. Contraditoriamente ao processo de formação humana, percebemos uma castração do homem em todo o processo produtivo que realiza. Como podemos ver, não estamos, ao proceder a essa reflexão, dissonantes em relação às questões do trabalho da atual sociedade. Afinal, o modo de produção é o mesmo, apesar de suas constantes reestruturações. A atualidade da temática, abordada por Marx nos anos de 1844-1867, tempo das obras aqui focalizadas, nos salta aos olhos. A forma como os traba-

lhares se entregam, e são obrigados a se entregar, a um trabalho parcelar, não pode ser desprezada. O que são os nossos trabalhadores senão produtores da riqueza do outro? Não temos indivíduos capazes de compreender o todo do processo produtivo. O trabalho se fragmenta não só dentro da empresa, mas também em toda a produção.

A formação, mesmo para o trabalho, é mínima. Na realidade, trata-se de adestramento para a produção. A nova indústria não terá dúvidas quanto à formação do indivíduo. É necessária a mínima formação para pagar o mínimo necessário a sua existência. Isso se transforma em lucro para o capital. A degradação do homem é necessária para o bom andamento do capital, para a sua conservação e reprodução. A formação integral do homem está suprimida.

A necessidade de um trabalho que possa ser tomado como atividade de formação humana parece ser para Marx suprida apenas com a superação da sociedade capitalista na conseqüente implantação da sociedade comunista, já que, no capitalismo, abdicar da divisão do trabalho pode significar a perda das condições de existência do homem.

A omnilateralidade como formação do homem em sua totalidade exigirá que ele tenha possibilidades de realizar diferentes atividades. Não só o trabalho, mas a necessidade do tempo do ócio como momentos diferentes de formação do homem que não o obrigue a permanência em simples e única atividade, como é o caso da divisão do trabalho nas fábricas ou a atual exclusividade que se confere à atividade trabalho, sobrando ao ser humano apenas o tempo de manter a sua existência enquanto tal. Não há ócio, nem lazer, só trabalho (deformador).

Nesse sentido, finalizamos, ressaltando a necessidade de uma revolução das forças produtivas, capaz de garantir a recuperação da humanidade por meio do recobro do homem em sua totalidade, pelo qual este poderá se dedicar a diferentes atividades, sem ter que limitar seu tempo a um

simples trabalho que garanta a sua sobrevivência. Como Marx exprimia, que o homem tenha a possibilidade de

(...) hoje fazer determinada coisa, amanhã outra, caçar pela manhã, pescar à tarde, criar animais ao anoitecer, criticar depois do jantar, segundo meu desejo, sem jamais me tornar caçador, pescador, pastor ou crítico. (2004, p. 60).

Referências Bibliográficas

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I, v. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1993.

_____. *Trabalho assalariado e capital*. São Paulo: Global Editora, 1981.

_____. ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã: Feuerbach – a contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Martin Claret, 2003.